

SUPERFÍCIES DE CONTACTO

LUÍSA SOARES DE OLIVEIRA, ABRIL DE 2008

Uma superfície de contacto é uma fronteira. Estabelece um limite entre as mãos que a tocam e a rugosidade da madeira, a maleabilidade do tecido, a frieza do metal ou da pedra. Como sempre sucede quando se passa uma fronteira, é também uma origem possível de conhecimento e de enriquecimento interior: afinal, é através dos sentidos que o mundo deixa de ser exterior e estranho para se integrar no espírito de quem o apreende.

Assim, este limite que o contacto permite identificar faz-se sempre entre um objecto, um corpo físico, e a pele de quem o apreende. As mãos e o tacto serão sempre os primeiros a avançar nesta identificação da exterioridade. Mas, pensando bem, todos os sentidos participam deste contacto entre o exterior e o interior, entre o mundo e a mente, entre algo que é estrangeiro e a captação que permite deixar de o considerar como tal. O ouvido, onde a vibração das membranas provocada pelas ondas sonoras leva à identificação do som, o gosto, onde o trabalho é feito pelas papilas gustativas, o olfacto, e mesmo a vista, que precisa de ser provocada pela luz para identificar formas e cores, todos comungam deste denominador comum: há sempre uma superfície, por muito ínfima que seja, que é tocada por um influxo exterior. Ou, dito de outra forma, a compreensão do mundo passa pelo contacto.

Nos cinco artistas que apresentamos nesta exposição, todos eles com obra aparentemente muito diversa, podemos detectar essa permanente indagação e apreensão do mundo através de uma superfície de contacto. O facto de todos serem também ainda jovens, de terem começado há poucos anos a apresentar publicamente o seu trabalho, permite entender claramente ainda como essa característica se coaduna particularmente bem com o processo artístico que se define justamente nestes primeiros anos. Esta é sempre a época da vida em que se fazem as escolhas que a vão definir. Neste caso, trata-se de optar por técnicas, formas, materiais, geometrias de organização do espaço e de apresentação da obra que, mais tarde, de uma forma ou de outra – e por vezes mesmo de um modo extremamente subtil – se vão manter como eixos fundadores de projecto para projecto.

Por isso pode também afirmar-se que, nestes casos, a própria obra constitui-se como superfície de contacto entre si e o mundo (mesmo que este mundo, como é tão evidente nos projectos apresentados, seja sistematicamente o universo interior de cada artista). Quer se trate de pintura, de escultura ou do som, ela funciona sempre como uma membrana, uma pele, um tecido, uma placa sólida que recebe os influxos exteriores e os repercute para o contexto da arte. Nesse exterior, convém dizer, está também incluída toda a vivência de cada um: a sua aprendizagem, as suas experiências, o que o impressionou desde que existe.

Assim, pode dizer-se que esta exposição trabalha os contactos possíveis entre o mundo e cada um. Através do tacto, que encontra materiais pouco usuais, através do olhar, que esbarra na tridimensionalidade quando esperava as duas dimensões da pintura, através do ouvido, que capta o som repetido em eco em lugares inesperados. Outros contactos, outras superfícies são evocados por cada uma das obras em si, que nos enviam para universos diferentes dos da sala de exposições: uma linha do horizonte, linha imaginária de contacto entre o céu e a terra, o limite entre o privado e o público que a parede constrói, e que tantas vezes se transforma em suporte de apropriação clandestina do espaço urbano, o limite do papel que se dobra até fazer escultura, ou mesmo o do espelho, limite imaginário entre a realidade e a virtualidade. Como sempre sucede, a obra de arte testemunha o tempo em que é feita. Como aqui sucede também, esse testemunho é o de uma transgressão dos espaços, dos contactos permitidos, dos limites.

ANA SÉRIO

O trabalho de Ana Sérgio tem-se construído como exploração do gesto em todas as suas potencialidades. Para esta exposição apresenta um conjunto de obras diversificadas, mas que partem todas deste conceito inicial para se desenvolverem em diferentes formas e resultados complexos. A caixa, que pode, ou não, ser opaca, institui com frequência uma separação entre o amarfinhar do papel e o observador, que em certos casos só tem acesso à contemplação do trabalho através de um espelho. Mas este elemento de separação, que o é também de protecção e de focalização no olhar como único elemento de contacto, desaparece pontualmente para dar lugar à exploração da forma escultórica que o papel e o desenho criam sobre um dado suporte. Ana Sérgio invade o espaço com as suas obras; e, mesmo quando essa invasão não é evidente – no caso da pintura, por exemplo – ela permanece na estreita fronteira entre a matéria espessa e o lugar que a rodeia, entre a memória do processo de construção e o momento presente em que nos encontramos.

GABRIEL ABRANTES

Gabriel Abrantes introduz-nos num mundo feito de obsessões, fantasias e apropriações de imagens massificadas que encontra o seu eco mais visível no meio urbano de 'graffittis', nas BD's populares, nas fotografias divulgadas em jornais e revistas, e até no tipo de espaços e imagens característico dos modernos jogos de computador. A sua obra explode sistematicamente, de quadro para quadro, de desenho para desenho ou até mesmo de escultura para escultura num excesso de imagens, de violência e de mensagens (quantas vezes contraditórias) que são o apanágio da sociedade contemporânea. Capaz de deitar um olhar distante sobre esse próprio mundo, embora sabendo aproveitar dele a técnica, o estilo e a justaposição complexa de signos e linguagens, Gabriel Abrantes fala-nos de um mundo onde o limite entre o espaço privado e o público é móvel, destinado a ser transgredido a qualquer momento.

MARIA CONDADO

Duas pinturas que se opõem no espaço, duas obras que ostentam os nomes sugestivos de "East" e "West": ambas representam paisagens, mas paisagens bem distantes da referência romântica deste género. Não se trata aqui de humanizar o espaço, mas sim de o apresentar na sua condição pós-moderna, como lugar de passagem, de despejo de detritos, de construção de uma 'natureza' ficcional e artificial. Todas as auto-estradas são iguais em qualquer lugar do mundo, e mesmo as árvores que as ladeiam são na maior parte das vezes espécimes de importação de qualquer lugar exótico. Ou, dito de outra forma, todos os elementos de que o artista se pode servir para compor hoje em dia a paisagem – mesmo quando se trata de uma tenda multicolor e intrigante – são hoje um artificialismo que acaba por se tornar na própria característica da natureza que nos rodeia. Maria Condado sabe que a paisagem pintada sempre foi uma construção do artista, que ao escolher determinado enquadramento ou composição criava uma ideia de perfeição que só podia existir como arquétipo. Através de um processo que acaba por ser idêntico ao antigo, mostra-nos que o antigo limite entre natural e construído deixou de fazer sentido.

MARIANA GOMES

Para Mariana Gomes, o contacto entre a pintura e aquilo que a rodeia é, em primeiro lugar, táctil. E isto mesmo quando não é possível, por imperativos de conservação e segurança, tocar a pintura com as mãos. Pouco importa; adivinhamos-lhe uma matéria espessa que assume a sua própria complexidade e que capta a tridimensionalidade da pintura como objecto que se dispõe e expõe num dado espaço. Mas esse trabalho sobre a superfície (e pintar também é sempre cobrir uma superfície com qualquer coisa, estabelecer um contacto entre um suporte plano e uma matéria de cor e forma) não se fica por aqui. Nas suas pinturas, há uma permanente interrogação sobre a forma e o modo como interage (como contacta)

com as outras formas. Uma oval, que nos remete sempre para essa célula hermeticamente fechada que o ovo é, encerra com frequência aqui esboços de uma figura, de uma paisagem, de fundos, até – e dizemos esboços, porque a pintura nunca os define exactamente, preferindo antes deixar uma abertura de sentido que remete para o observador a função de definir exactamente o que vê. Por isso, esta é uma pintura sobretudo mental, já que estabelece linhas de contacto entre a memória das imagens que se viram e a sensação do que Mariana Gomes nos dá a ver.

MARK ARAGÃO

Com um percurso que começou pela escultura e pela música, Mark Aragão tem-se orientado, nas suas peças mais recentes, para um trabalho sobre o som. Mas não sobre qualquer som: trata-se aqui de envolver o visitante num ambiente sensorial onde o eco transporta consigo a memória de uma frequência original, e onde as implicações desse trabalho, ao contrário do que as aparências sugerem, se aproximam muito do conceito de representação.

Tal como o eco, a representação visava reproduzir, através da pintura ou da escultura, um modelo verdadeiro com a máxima exactidão possível. A fotografia, se por um lado veio garantir que essa reprodução era possível, por outro instaurou a dúvida sobre o valor de toda a reprodução. Dito por outras palavras, questionava-se agora, como ainda hoje se questiona, o efeito da reprodução em massa – em termos de aura, como Benjamin o enunciou num texto célebre – sobre o original. Do mesmo modo, um som que é repetido pela sua repercussão numa superfície acaba por se diluir no espaço, por perder o seu significado original. E é a repetição, mesmo quando extravasa para fora do espaço expositivo, como aqui acontece, que anula o efeito de surpresa e novidade do original.



S. João da Madeira
2004-2005



ASSOCIAÇÃO
CULTURAL
DO ARTE



PAÇOS
DA
CULTURA



CENTRO DE ARTE DE S. JOÃO DA MADEIRA

AGRADECIMENTOS CAROLINE PAGÉS GALLERY . GALERIA 111 . INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA . MÓDULO – CENTRO DIFUSOR DE ARTE

Superfícies de Contacto

16 DE MAIO A 13 DE JULHO 2008

PAÇOS DA CULTURA S. JOÃO DA MADEIRA